

CASTELOS DE CHOCOLATE

Capítulo I - A chegada

Estava eu a voar pelos céus, a caminho de Tete, em Moçambique, sem conseguir descrever naquele momento o que sentia: o coração batia acelerado, as respirações cada vez mais curtas, as mãos trémulas. Estava feliz, mas ansioso na expectativa de como tudo iria correr.

Foi com surpresa e agrado quando soube que tinha sido selecionado pela ONU para integrar no projeto para o desenvolvimento e erradicação da pobreza no mundo – os chamados “*Objetivos de Desenvolvimento do Milénio*”.

Como professor, o meu trabalho consistia em desenvolver e promover o Ensino Básico e, promover a igualdade de género, de forma a combater o analfabetismo e o abandono escolar, principalmente nas meninas onde mais se acentua.

Ao aterrar, depois de cerca de onze horas de voo, fui conduzido à que seria a minha casa durante os próximos anos, arrumei as minhas coisas e fui descansar. Adormeci a pensar no dia seguinte sem conseguir parar as dúvidas que navegavam na minha cabeça. Seria bem aceite? Estaria preparado? Conseguiria ensinar as crianças? Seria bem-sucedido na minha missão?...

Acordei bem cedo, estava um pouco nervoso, vesti-me à pressa e saí para me apresentar na escola. Assim que entrei, estavam várias carinhas a espreitarem cheias de curiosidade, todas com um carinhoso e alegre sorriso, eram os meus alunos que já sabiam da minha chegada e estavam à minha espera, meninos e meninas de diferentes idades. Foi uma alegria! Todos se apresentaram, todos me fizeram perguntas.

– É o nosso professor? Como se chama, senhor professor? É de que país?

- Chamo-me Euriko, sou de Portugal, e vou ser o vosso professor durante os próximos quatro anos.

- Amanhã começamos as aulas, professor Euriko? – Perguntaram em coro.

A esta pergunta não consegui dar resposta, devido às más condições da escola com que me deparei: as estruturas degradadas, o quase inexistente mobiliário e a falta de material escolar. Já era do meu conhecimento a falta de recursos e a pobreza existente nestas comunidades, mas mesmo assim fiquei surpreendido com o tão pouco que existia. Tinha que recuperá-la, mas como?

Não era possível começar já; pedi aos meninos que voltassem para casa, explicando de que era necessário recuperá-la primeiro.

Voltei a casa a pensar no que iria fazer, certamente teria de pedir fundos, materiais de construção e mesmo mão-de-obra, o que demorariam meses a chegar, tempo precioso que não usaria na educação dos meus alunos. Fiquei acordado, hora após hora, a pensar como o faria.

No dia seguinte, ouço o bater na porta. Para minha surpresa, eram algumas pessoas da comunidade acompanhadas pelas suas crianças:

- Estamos aqui para ajudar o senhor professor Euriko no que precisar. - Disse o porta-voz. Era Taú, um homem grande, forte e de pele muito negra; era o mais respeitado pela comunidade.

- As nossas crianças estão desejosas para começar as aulas, diga-nos professor, o que podemos fazer para conseguir recuperar a nossa escola?

- Estou sem palavras, obrigado! – Disse eu emocionado - É necessário fazer a limpeza, algumas reparações no telhado, nas paredes e no chão, também é necessário improvisar as secretárias e as cadeiras.

- Com certeza, senhor professor. Vamos lá por mãos à obra! Amanhã, logo pela manhã, lá estaremos. – Respondeu o Taú prontamente e decidido.

Capítulo II - A nova escola

No dia seguinte, a comunidade acordou com o amanhecer, reunimo-nos na escola, e eis que surgiu o Jaci juntamente com o Taú, considerado o mestre de entre as aldeias, era um homem idoso de fraca figura, de olhar profundo, com o rosto muito enrugado, mas com a energia e o interesse de uma criança, com a sabedoria de um Deus. O Taú aproximou-se, poisou a mão no meu peito e disse: - Bem-haja a quem quer construir! Bem-haja, a quem abraça os nossos filhos! Bem-haja, a quem se dispõe a dar a primeira pedra para construir os nossos castelos! Bem-haja, senhor professor! - Nunca esqueci estas palavras.

Seguiu-se, então, a distribuição das tarefas: os homens ajudavam nas reparações enquanto as mulheres ficavam encarregues da limpeza.

- E nós, professor Euriko, também podemos ajudar? - Perguntou lá do fundo um rapazinho de oito anos muito vivo e esperto.

- Diz-me o teu nome!

- Zaki, senhor professor! Chamo-me Zaki! – Respondeu desembaraçado e orgulhoso por dizer o seu nome diante de todos.

- É claro que sim, Zaki. Todos podem ajudar no que puderem, mas cuidado para não se magoarem!

Trabalhamos até ao entardecer, mas valeu a pena. A escola parecia outra. Só faltavam os materiais escolares e o quadro.

- Professor, professor estivemos a apanhar estas flores para embelezar a nossa escola. Assim fica mais bonita! – Disseram as crianças animadas.

- Amanhã já começamos as aulas, já professor? - Estavam muito entusiasmadas para começar, mas ainda faltavam uns dias, pois era necessário conseguir os materiais escolares.

Depois de todo o árduo trabalho e para minha surpresa, decidiram ainda festejar a minha chegada e a “nova” escola. Acendemos uma enorme fogueira, comemos, cantámos, dançámos e escutámos as belas histórias contadas pelo Jaci, acompanhado pelo som de caxambu, um instrumento de percussão de madeira, explicou-me o Taú.

Também aproveitei o momento para sensibilizar e explicar o quanto era importante para as crianças frequentar a escola, pois sabia que muitas tinham que auxiliar a família, por essa razão e para facilitar, propus fazer duas turmas: uma iria funcionar no horário da manhã e a outra no horário da tarde.

Capítulo III – O primeiro dia de aulas

Eram nove horas da manhã, começaram a entrar, uma atrás da outra; após a entrada de cada criança, o meu coração preenchia. Eram muitas crianças, meninos e meninas, até aquelas cujos pais tinham dúvidas se deveriam permitir que frequentassem a escola.

- Bom dia, bem-vindos à nossa escola!

- Bom dia, professor! - Responderam em coro.

- Meninos, tenho uma surpresa! A nossa sala já tem um quadro, um globo, livros para fazermos uma biblioteca e material escolar que vos vou distribuir. Foram os meninos das escolas de Portugal que contribuíram; não estamos esquecidos! – A alegria foi imensa!

- O que é que vamos aprender hoje, professor?

- Hoje, vamos falar um pouco sobre vocês e sobre a importância e o papel da escola no vosso desenvolvimento.

- Qual o significado que a escola tem para vocês? - Imediatamente todos começaram a olhar uns para os outros esperando que alguém tomasse a iniciativa.

- Eu ... eu... acho que a escola serve para nos ensinar a ler e a escrever. - Muito bem! Qual é o tem nome?

- Lua... Lua... Luana, professor. - Respondeu um pouco tímida.

- O que sonham ser e fazer quando forem adultos?

- Hum..., acho que quero ser Piloto de corrida para conduzir carros melhores do que o seu, senhor professor! – Todos se riam.

- Eu gostaria de ser médico, para ajudar as pessoas doentes!

- Eu quero ser professor, como o professor Euriko!

De repente, lembrei-me das palavras que o Jaci me dissera.

- Bem, a escola para além de ensinar a ler e a escrever ensina muito mais, é com ela que começam a construir os vossos castelos - Como assim, professor?

- Isto é, os castelos são os vossos sonhos e a escola será a vossa ferramenta para os poderem construir.

Capítulo IV - A despedida

Quatro anos se passaram, quatro inesquecíveis e maravilhosos anos que tentei aproveitar ao máximo com os meus alunos. Foram todos excelentes alunos, todos cresceram, aprenderam, imaginaram, partilharam e criaram.

Eu aprendi muito com eles, ensinaram-me principalmente a sentir a beleza e a honra que eu tinha ao poder ensinar, a saber o verdadeiro sentido do que é ser professor, ao qual estou grato.

No último dia de aulas, tirei a última fotografia com todos à minha volta: o Taú, o Jaci e todos os restantes alunos juntamente com os pais, e que hoje está emoldurada na minha sala.

Foi uma despedida difícil! Despedi-me de todos individualmente, ficando com a certeza de que iriam continuar a estudar e a perseguir os seus sonhos.

Enquanto me afastava com o carro, olhei-os através da janela pela última vez; corriam atrás, cada um com os seus alicerces e preparados para continuarem. Foi a última imagem que retive na minha memória, foi nesse momento que senti que tinha conseguido, tinha cumprido a minha missão.

Ah, que satisfação a minha! Que se continue sempre a construir castelos!

Para sempre ficarão no meu coração e no meu pensamento *o Taú, o Jaci, os meus castelos de chocolate e todos os Eurikos.*

FIM